

# Book Review

---

**Moraes, Anita Martins Rodrigues de.** *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido.* São Paulo: Unesp, 2015. Print.

Este livro é resultado de uma leitura concentrada nos cruzamentos da teoria e da crítica literária com as ciências sociais na obra de Antonio Candido. Conjugando e contrastando a interpretação estética da literatura brasileira com os pontos de vista sobre a singular cultura do homem caipira paulista n’*Os parceiros do rio Bonito*, os comentários cerrados da autora configuram um pensamento candidiano a respeito das formas culturais da vida e da sua representação no Brasil, inseparáveis de suas particulares dinâmicas históricas e identitárias.

O livro possui o mérito de revelar ao leitor um percurso pouco visitado pelas apreciações quase sempre reiterativas do sistema literário, ao integrar o campo de domínio da matéria descrita em *Os parceiros do rio Bonito* à teoria literária. Este trabalho, discreto, face ao domínio crítico da literatura examinada por Candido, permite ao autor tanto uma visão *interna* e orgânica das articulações da realidade sociocultural do “homem pobre e livre” no Brasil, assim denominado por Maria Sylvia de Carvalho Franco, quanto uma formalização simbólica das criações do espírito humano.

Empenhado em compreender as “condições de vida do homem brasileiro do campo” durante o “fenômeno de urbanização no Estado de São Paulo,” Candido parte da “teoria literária e do folclore” e lança-se em uma “derivante para o lado da sociologia dos meios de vida.” Moraes refaz o percurso, de um lado para o outro, da teorização literária do folclore às proposições socioantropológicas do autor e, com isso, enfrenta o desafio que os leitores de Candido preferiram não encarar. Reconciliando a crítica literária à curiosidade científica do autor, cultivada ao longo de seu doutorado, por tópicos então candentes da antropologia e da sociologia, como rural e urbano, terra e trabalho, cultura popular e erudita), o estudo acaba por iluminar as premissas de um solo comum, *político* de distintos extratos disciplinares, frequentados por Candido.

*Os parceiros do rio Bonito*, publicado no emblemático 1964 do Brasil, e noticiado durante anos sob o título “Persistência e Mudança” (termos que sumarizam perfeitamente a ambivalência do processo formativo da literatura brasileira entre a tradição universal-europeia e sua reescrita local), corresponde à tese de doutorado em Ciências Sociais de Candido, cuja defesa se dá em 1954, na então Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde o intelectual é assistente da cadeira de Sociologia II, entre 1942 e 1958. *Os parceiros* ocupou Candido de 1947 a 1954, e nasceu de “uma pesquisa sobre a poesia popular, como se manifesta no “Cururu—dança cantada do caipira paulista.” Além de constituir por si só um desdobramento da poesia folclórica, a tese coincide, ainda, com a elaboração do *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, à cuja redação, Candido se dedica durante os anos que vão de 1945 a 1957.

N’*Os parceiros*, o entrelaçamento de gestos intelectuais sobre os paradigmas do popular e do nacional endereça a investigação sociológica de Candido ao exame da literatura oral, seja ela rústica ou primitiva, e à literatura erudita. A autora pondera: “Conhecer seu trabalho em ciências sociais torna-se, então, condição *sine qua non* para o entendimento adequado de seu pensamento a respeito da literatura em geral e da representação em particular” (2). A seu ver, o diagnóstico candidiano sobre a regressão cultural do caipira reincide no próprio juízo crítico do autor frente à incultura e ao atraso local, fazendo funcionar metodologicamente a assunção do progresso civilizacional e da formalização estética com a imposição do sistema simbólico europeu aqui, de modo a alcançar a suplantação da etapa folclórica pela função humanizadora da literatura.

Moraes explora a “mudança de tom e de vocabulário” entre o *Formação da literatura brasileira*, *Os Parceiros do rio Bonito*, ambos elaborados durante os anos de 1945 e 1957, e o *Educação pela noite*, de 1987, com realce para “Literatura e subdesenvolvimento” e “Literatura de dois gumes.” Segundo pensa, há um nítido deslocamento de questões entre os dois conjuntos da obra candidiana, sem, contudo alterar significativamente as premissas que os orientam. No terceiro capítulo de *Para além das palavras*, dedicado à *Formação da Literatura Brasileira*, a autora problematiza a correlação entre o uso e o abuso das designações “poesia civilizada,” “homens de cultura,” “padrões universais,” “barbárie geral,” incultura” e “atitudes mentais evoluídas.” Discute e demonstra as implicações socioantropológicas para as quais ela aponta, persuadindo-nos de que a “expectativa de progresso civilizador,” subjacente à historiografia

candidiana, levou o autor a conceber uma fundamental positividade na absorção local da universalidade europeia pelos árcades. Conclui que a literatura é “atividade humanizadora na medida em que se faz produtora de espaços de consciência” e, uma vez que “dela depende o desenvolvimento da consciência humana no país e do país.” Em suma: “sua tarefa é nobre,” pontua a autora (63-66).

A diferença de preocupações, na obra candidiana, aparece minuciosamente aquilatada sob a perspectiva comparatista adotada por Moraes. Nos anos 40 e 50, o projeto formativo articula-se a “momentos decisivos” do arcadismo e do romantismo, divisados por sua visão evolucionista, civilizatória e humanizadora da literatura no Brasil. As distinções que aí aparecem entre realidade-bruta e formalização estética da realidade, disciplina mental e solo emotivo, conteúdo humano e estado de espírito, apontam para a compulsão essencialmente histórico-sociológica de certo humanismo candidiano. Na elaboração interna de fatores externos à nossa realidade rústica, primitiva e semibárbara, se desenha a concepção universalista da sistematização literária de nosso nacionalismo artístico. Reproduzo as palavras da autora: “uma obra se tornaria universal não por expressar algo de comum a todos os homens, mas porque, ao propor uma nova ordem, incorporando aspectos do real (particular, local, específico) a essa ordem, amplia o espaço da consciência humana, ou seja, do inteligível e comunicável” (46).

Esboça-se, assim, os contornos do devir progressivo e acumulativo em direção à “consciência de país novo,” à consciência sumarizadora do processo evolutivo de espiritualização fenomenológica e estética do Brasil. Os textos produzidos ao longo dos anos 60 e 70, “Literatura de dois gumes” (originalmente apresentado em inglês, em 1966, e publicado em *A educação pela noite*, em 1987) e “Literatura e subdesenvolvimento,” de 1970 (também incluído no *A educação pela noite*) diferem dos trabalhos dos anos 40 e 50. Porém, assinala a autora, não alteram substancialmente o teor da reflexão candidiana sobre as funções da representação literária na sociedade brasileira. Moraes marca a divisa da “nova consciência” face à “consciência de subdesenvolvimento.” Esta agora, atravessada pelo recorte transnacional da América Latina, concebe o Brasil, não apenas como *novo* e promissor, mas como o *país subdesenvolvido*, vitimado pelas políticas imperialistas assimétricas. As palavras da autora expressam a diferença de foco: “Se na *Formação* a literatura é pura positividade, aqui no

ensaio “Literatura de dois gumes” tem uma dimensão negativa: trata-se da peça do processo colonizador, associando-se às práticas de violência” (70).

Por maior que seja a diferença entre a postura intelectual cultivada no *Formação* e a vertente subdesenvolvimentista dos anos 60, a autora crê existir somente uma “reformulação” da *Formação*, gestado nos anos 40 e 50 por Candido. Nos seguintes termos, ela se explica: “A ideia de subdesenvolvimento parece repor, assim, sem alterações sensíveis, o modelo da *Formação*, por sua vez retomado em “Literatura de dois gumes”; a mudança de tom e de vocabulário não chega a alterar, parece-me, a perspectiva anterior” (130).

Nos domínios de *Formação* e de *Educação pela noite* constitui-se um pensamento dos fins, cuja identificação categórica deriva de um registro secundário de nascimento e de uma ideia prévia de seu desenvolvimento. Um pensamento do fim subjuga a literatura; a condição a ela atribuída deve cumprir-se no âmbito do *sentido da história*. A ideia prévia do *sentido da história* é enunciada segundo a pressuposição de que a literatura guarda uma história, e a história, um sentido. Dirigindo o subdesenvolvimento local ao desenvolvimento, a literatura promove a “integração transnacional.” No entanto, tal integração depende de uma “comunidade transtemporal e transnacional de ‘homens cultos’” (Moraes 133). Como propõe Candido, apenas o intercâmbio entre homens da “alta cultura” dá sentido à vida da comunidade transnacional. Prevendo esse tipo de hierarquização, a suposta alternativa de libertação e autonomia culturais na América Latina, engendrada por uma “consciência do subdesenvolvimento,” fica comprometida, constata a autora, pois o problema da literatura e da cultura na América Latina, como Candido realmente sugere, passa a ser assunto da elite, para a elite, e igualmente por ela mediado.

N’*Os parceiros do rio Bonito*, Moraes também flagra uma “linha evolutiva” traçada na distância do caipira vivendo segundo “mínimos vitais e sociais” dos grupos urbanos na sociedade brasileira. Há a hierarquização de etapas de cultura com maior ou menor progresso e evolução, conforme a integração do homem ao meio natural e à animalidade ou ao seu distanciamento da civilização e da humanização. Para Moraes: “o estudioso lida com a premissa de que os homens partem de uma situação de maior integração com o meio natural para um maior distanciamento alcançado pelo desenvolvimento tecnológico. Tal distanciamento coincide com o progresso da civilização, ‘que é humanização’” (83).

Há, segundo demonstra a autora, uma “analogia” entre a linha evolutiva pressuposta n’*Os parceiros* e a que envolve as providências formativas de aperfeiçoamento progressivo da literatura brasileira. O estágio inicial da literatura, basicamente documentalista, espelha a realidade bruta. Seu estágio mais avançado a distancia do “primitivismo reinante” pela “disciplina mental” arcádica. O êxito da sistematização literária no Brasil depende, portanto, de nossa capacidade para “superar a absorção do meio imediato,” pois, conforme nota a autora, “quanto mais espaço conquistado pelo homem em relação ao meio imediato, natural e social, mais civilizado/ humanizado seria” (93).

O diagnóstico candidiano de desaparecimento do caipira segue a mesma direção. O isolamento do caipira, a falta do manejo instrumental para melhoria de sua vida, a sua simbiose com a natureza, caracterizadora de seu baixo desenvolvimento mental e social, traduzem, segundo Candido, um estágio de “regressão” cultural. Nos seus termos, o caipira, ao invés de seguir a linha evolutiva do progresso e estabelecer um “equilíbrio feliz” entre elementos próprios e externos a ponto de se harmonizar com a cultura urbana, regride. E aproximando-se da sua proveniência primitiva, o índio, ele proporcionalmente acerca-se do seu desaparecimento.

Ganha vulto a hipótese de um impasse maior na obra de Candido. A expressão enraizada no popular exterioriza o aspecto regressivo de nossa cultura, e o genuíno espírito historicista e estético de Candido deflagra ameaça na manifestação folclórica e direta da vida social. A tirania do meio, do real e das raízes rústicas historiciza nosso atraso típico, e nos torna serviçais da verdade evolucionista, e, por conseguinte, submissos à imposição, então necessária, das formas consagradas da literatura. Se Roberto Schwarz define a eficácia do sistema literário candidiano justamente como “força histórica” apta a barrar, de um lado, a ilusão universalista e, de outro, a estreiteza local, a contribuição de Moraes critica a dimensão colonialista da historicização estética do sistema literário candidiano, nela divisando as etapas de um caminho inexorável ao progresso literário, civilizacional e de humanização. Destaco trecho da autora: “Somos, portanto, levados a entender que a ameaça contra a qual lutaram nossos escritores seria a da regressão: partindo de uma maior distância com relação ao meio imediato, que seria própria do europeu (civilizado), era preciso resistir a uma maior integração ao Novo Mundo, que caracterizaria o primitivo (em estado

de natureza), à qual teria justamente sucumbido o caipira (que viveria numa ‘simbiose estreita com a natureza).’”

Uma colonização ideológica é flagrante em Candido, em especial, nos dois tipos existentes de catequese interpretados por ele. Uma positiva e a outra condenável. A catequese dos missionários jesuítas é positiva, esteticamente falando, pois torna acessível ao índio a riqueza da cultura metropolitana. Já a catequese às avessas, assim denominada por ele, num processo de massificação da cultura popular em centros urbanos, ideologiza e sociologiza a arte, minimizando, contudo seu valor estético.

No sexto capítulo de *Para Além das palavras*, a autora analisa a validade dos limites sociológicos, antropológicos e estéticos da literatura oral na reflexão candidiana, a partir da leitura de “Estímulos da criação literária,” de 1965. Circunscreve, de acordo com o texto, o caráter eminentemente social da literatura oral na vinculação muito estreita que elas expressam com a sobrevivência material e espiritual dos grupos por ele denominados de primitivos (os caipiras, os africanos e os indígenas), mostrando, por exemplo, como Candido as aproxima do drama da sobrevivência. A palavra sempre “crua” nesses casos, fora do relevo estético-simbólico por ela alcançado na “literatura propriamente dita,” acompanha a ordenação da vida miúda em torno do alimento.

Onde um cruzamento significativo do contexto intelectual da crítica com a antropologia se dá é em “Estímulos da criação literária,” de 1965. Embora Candido ali aponte para uma crítica à “tirania da sociologia,” a partir de hipóteses filosóficas e científicas da antropologia, tentando circunscrever as diferenciações entre homem rústico e homem civilizado, ele acaba por integrar, segundo Moraes, “a ciência do folclore, a sociologia e a análise literária” à perspectiva etapista prevista em *Os parceiros do rio Bonito*: “[A] dependência do homem quanto ao meio natural imediato, que caracterizaria estágios culturais anteriores, parece encontrar paralelo na dependência da poesia oral quanto a elementos externos à palavra” (118).

Merece, por fim, destaque a valorização por Candido dos significados equivalentes e recíprocos entre os termos civilização e humanização que atravessa a sua obra. No caso de *Os parceiros*, “humanização e civilização são sinônimos . . . , consistindo na libertação do homem de uma relação simbiótica com a natureza.” No caso de *Formação*, as “fórmulas literárias” trazidas pelos europeus têm eficácia civilizadora, porque próprias de uma “etapa cultural

considerada mais avançada,” mostram-se aptas a ordenar formalmente (transfigurar) a rusticidade emotiva no Brasil.

O capítulo oitavo, “O direito à literatura,” sumariza um enunciado fundamental da representação sociológica da literatura em *Candido*: o de que a literatura consiste em “fator indispensável de humanização” e que, portanto, com a sua energia culta, o homem encontra a necessária capacidade para metabolizar vitalmente a humanização de si. O homem sem a literatura, ou sem essa virtude viva que o forma culturalmente, entrega-se à superabundância da vontade, ao desequilíbrio das paixões, constituindo-se num fraco desajeitado. No âmbito da história dos direitos humanos no Brasil, como denuncia *Candido*, uma espécie de recalque restringe o alcance democrático da humanização do humano, cito passagem deste capítulo: “grande parte da sociedade brasileira estaria confinada a estágios culturais considerados atrasados, sendo o acesso pleno ao mais avançado restrito à classe dominante.”

O notável, portanto, na análise de Moraes, está na explicitação cuidadosa de uma convivência paradoxal em *Candido* entre certo clamor de justiça social, presente n’*Os parceiros do rio bonito*, e a implicação de colonialismo em sua concepção de representação literária. O projeto formativo da literatura brasileira testemunha isso nos seus pressupostos evolucionistas sobre a natureza da representação europeia e da realidade brasileira, codificando ainda a diferença substancial presente nas oposições natureza e cultura, primitivo e civilizado, matéria e espírito que vão se desdobrando.

Ao final de *Para além das palavras*, encontramos com *Candido* posto e repostado em uma linha de conscientização questionável da “realidade trágica do subdesenvolvimento” no Brasil e na América Latina, justamente por combinar a supressão-suspensão (*Aufhebung*) dos dilemas próprios da nossa experiência colonial através de uma política cultural autenticamente nacional. Tal busca identitária sofre, para usar os termos de Eduardo Viveiros de Castro, de “esquizofrenia cultural,” pois “a orientação para fora, para a Europa,” que ela engendra, “contraproduz uma orientação culpada para dentro, para seu país, do qual ao mesmo tempo você tem vergonha e orgulho.” Glauber Rocha taxaria isso de um “velho humanismo colonizador.”

**Lúcia Ricotta**

*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*